

BITTER, Sigrid. Desmontagem: memórias artísticas de uma autobiografia. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia (professora Adjunta) e Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Doutorado Interinstitucional UNIRIO-UFU; Doutoranda; Orientadora Profra. Dra. Nara Keiserman.

RESUMO

A proposta deste artigo está em trazer o atravessamento artístico das histórias de vida familiar e das escolhas pessoais, num processo de desmontagem de uma experiência de vida apresentada na disciplina Pedagogia(s) do Teatro: Práticas Contemporâneas, orientada pela professora Dra. Mara Leal, do programa DINTER UFU/UNIRIO-2013. O texto traz o conceito atual de desmontagem e como elas vêm sendo apresentadas, as observações e socializações oriundas deste trabalho e a narrativa da desmontagem: memórias artísticas de uma autobiografia, além da reflexão final sobre todo o processo.

Palavras chave: Desmontagem. Autobiografia. Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT

The purpose of this article is to bring the art of crossing stories of family life and personal choices, a process of dismantling a life experience presented in Pedagogy discipline (s) Theatre: Contemporary Practices, supervised by professor Dr. Mara Leal, program DINTER UFU/UNIRIO-2013 . The text presents the current concept of disassembly and how they have been presented, the observations and socialization arising from this work and the narrative of disassembly: memories of an artistic autobiography, besides the final reflection on the whole process.

Keywords: Disassembly. Autobiography. Pedagogical Practices.

Introdução:

Existem controvérsias quanto ao significado das palavras desconstrução e desmontagem. Ambas, assim como desvelar, destecer, como outras, podem ser utilizadas para referir-se à ação do autor/artista em expor ao público o caminho pelo qual a sua obra percorreu.

Para Ileana Diéguez (2009), a desmontagem foi uma proposta de investigação interessada em tornar-se visível o tecido criativo por meio de testemunhos, desconstruções e reconstruções dos próprios criadores. Esse termo, desmontagem, surge na segunda metade do séc. XX, num processo de investigação dos teatros independentes latinos americanos na busca de um caminho alternativo de outras linguagens cênicas e dramatúrgicas, como outras teorias e pontos de vista.

A desmontagem está longe a prestar-se a algum método, mas consiste em expor diversas experiências e modos de fazê-lo. Não existe um método para as

desmontagens, não é possível fixá-la a algum esquema que enrijeça o corpo vivo que é a cena. Cada criador elege as estratégias para tentar acessar ou regressar a esse encontro reflexivo e artístico com o seu próprio material. Segundo Ileana Diéguez (2009), mais que destruir era preciso compreender o que se havia construído para então reconstruir. A desmontagem organiza o processo criativo.

O início

Quando foi estabelecida a tarefa de apresentar uma desmontagem de um percurso/processo criativo, dentro da disciplina: Pedagogia(s) do Teatro: Práticas Contemporâneas, fiquei num impasse; pois até então não havia encenado algo, já que venho de uma área esportiva, porém com alguma sensibilidade artística oriunda também do meu percurso na ginástica e na dança. Propuseram-me, então, fazer uma desmontagem da minha vida mostrando o viés artístico que me norteou e me fez chegar ao doutorado em artes cênicas. Então, aceitei a proposta, já que não existe um procedimento engessado na desmontagem e o artista escolhe o que quer expor. E esse processo acabou sendo uma investigação interessante, onde me percebia mergulhando profundamente em algumas questões pessoais. E é essa experiência que eu trago para compartilhar neste artigo. Parti das minhas memórias pessoais, busquei registros visuais (fotos) e de escrita (alguma forma de diários), relembrei músicas que marcaram certos períodos, revisei fases performáticas diferentes, reuni material profissional (cursos e projetos), e compus uma apresentação para o meu trabalho até chegar ao meu projeto de pesquisa do doutorado.

Minha desmontagem

Filha de um casal de artistas germânicos vindos ao Brasil após a 2ª Guerra Mundial tive uma educação pautada na preparação para sobrevivência em guerras. Em casa, para que eu fosse reconhecida, tinha que ser a melhor, politicamente correta e verdadeira. Não podia fraquejar, tinha que ser forte e perfeita. Eu não podia ter medo, nem errar e nem chorar. Tinha sempre que andar com a cabeça erguida e com o peito projetado para frente. Fui uma criança muito rebelde. Eu queria fazer de tudo. Tinha ânsia em conhecer o mundo..... Quando quis fazer música, minha mãe me podou alegando que eu era muito desafinada. Quando quis fazer balé, meu pai me aconselhou fazer esgrima, judô, enfim... artes marciais.

Então resolvi percorrer outros caminhos: fui ser baliza em desfiles de sete de setembro. Entrei na ginástica artística, onde conquistei um lugar na seleção mineira. Concomitantemente comecei a treinar ginástica rítmica, pela qual estive na Seleção Brasileira durante cinco anos, competindo internacionalmente na Espanha, Suíça, Canadá, Inglaterra e Alemanha. Vale ressaltar que a dança sempre esteve presente em minha vida, mesmo que indiretamente, pois fazia parte da preparação das ginastas.

Entre fugas e encontros

Acabei me refugiando na ginástica ao vivenciar a separação de meus pais na minha adolescência. Com todos os prós e contras, essa experiência me preparou para a vida.

Na ginástica, sempre almejei alcançar um movimento tecnicamente perfeito. A música é que trazia um tom poético àquela plasticidade nua e crua. A coreografia era um entrelaçado de movimentos que desafiavam as leis da física e da mecânica. Cada fio desse tecido era um movimento simples que ligava a outro se tornando mais complexo. Quanto mais desafiadora fosse essa tecelagem, maior era a sua avaliação. Não importava que danos causassem: físicos e/ou emocionais. O que importava era que tínhamos que dar conta de tudo. Essa experiência fez com que eu me remetesse à música *Esquinas* de Djavan.

Após essa fase de atleta, continuo vivenciando outras possibilidades.

(D) eficiências

Ao voltar do meu mestrado em Ciências do Esporte na Alemanha, fui procurada por um grupo de pessoas com as mais diversas deficiências (física, auditiva, visual e mental leve) que me seduziram a desenvolver um trabalho com eles na Dança e na Ginástica Rítmica em Cadeiras de Rodas.

Concomitantemente a essa época, desenvolvi um projeto numa Clínica de Internação para Pacientes Psiquiátricos. Era interessante perceber como é tênue a linha que separa o que se denomina de doença e o que se denomina de saúde.

Transtornos mentais são patologias com manifestações psicológicas ou comportamentais associadas a comprometimento do desempenho devido a perturbações biológicas, sociais, psicológicas, genéticas, físicas ou químicas. Cada patologia apresenta sinais e sintomas característicos. (KAPLAN e SADOCK, 1992, p. 1).

Com essas experiências junto a pessoas portadoras de necessidades e cuidados especiais, pude fazer uma reflexão mais apurada sobre a nossa condição humana. Percebi que a qualquer momento um de nós pode estar numa cadeira de rodas ou ter um surto psicótico. Mas também aprendi que para tudo existe um limite. Não é porque uma pessoa possui uma deficiência que devemos tratá-la como “incapaz”, pois todos nós temos as nossas limitações.

Segundo a Convenção nº 159/83 da OIT e a Convenção da Guatemala, que foi promulgada pelo Decreto nº 3.956, de 8 de outubro de 2001, estas definem a deficiência como: “uma limitação física, mental, sensorial ou múltipla, que incapacite a pessoa para o exercício de atividades normais da vida e que, em razão dessa incapacitação, a pessoa tenha dificuldades de inserção social.” (Convenção nº 159/83 da OIT e a Convenção da Guatemala nº 3.956 de 2001). Também descobri que por mais limitada que uma pessoa seja, ela possui um potencial a ser descoberto e desenvolvido. É preciso acreditar, ter coragem, paciência e muita dedicação. E ter consciência disso pode possibilitar à pessoa recuperar a sua dignidade.

Interessante perceber que, ao longo desse processo, eu transitei de um corpo antes rígido e perfeito para reflexões em torno de corpos fora desse padrão.

Dessa forma, fui tomada de certa angústia ao perceber mudanças de paradigmas no que diz respeito à questão dos corpos estereotipados. Continuo buscando algo que pudesse preencher minha inquietude.

O encontro com a espiritualidade no Yoga

Transitando por todos esses caminhos, na busca de um corpo potencialmente perfeito no esporte, vivenciando as limitações desse corpo, e percebendo a linha tênue entre saúde e doença, senti necessidade de algo que explicasse melhor a nossa existência. Surge então a possibilidade de uma busca à espiritualidade.

Espiritualidade é reconhecida como um fator que contribui para a saúde de muitas pessoas. O conceito de espiritualidade é encontrado em todas as culturas e sociedades. Ela é expressa nas buscas individuais para um sentido último através da participação na religião e ou crença em Deus, família, naturalismo, racionalismo, humanismo, e nas artes. Todos estes fatores podem influenciar na maneira como os pacientes e os cuidadores profissionais da saúde percebem a saúde e a doença e como eles interagem uns com os outros, (PUCHALSKI, 2001, p.352-7).

Isso nos mostra que a espiritualidade é um dos fatores que podem contribuir para a nossa saúde, muitas vezes dando sentido à nossa existência. Processos artísticos podem refletir-se terapêuticamente, pois transcendem o entendimento puramente racional. Porém o meu despertar para a espiritualidade foi no Yoga.

Aprendi a observar meu corpo, minhas sensações, meu estado físico, mental e emocional. Com isso aprendi a respeitar os meus limites. Ao contrário do que eu fazia na minha fase de atleta, onde eu sempre estava rompendo com os meus limites, e o que conseqüentemente deixou marcas que se tornaram crônicas. Ao me envolver com o Yoga, pude perceber o quanto o meu corpo/mente/emoção são maleáveis. Existe uma expansão e um recolhimento natural e, se respeitados, conseguimos ter uma vida mais equilibrada, mais suave, mais fluída; ou seja, mais saudável.

O Yoga faz parte das várias outras terapias holísticas¹ que vivenciei, algumas como paciente e outras como facilitadora, e, que, hoje compartilham com o que eu realmente acredito. Citando algumas delas: Antroposofia, Saúde Quântica, Liang Gong, Constelação Familiar, Shiatzu, Acumputura, Microfisioterapia, Magnified Healing, Danças Circulares, dentre outras.

Nova etapa de vida

Após todas essas experiências pessoais e profissionais, passo por uma situação de vida e morte. Essa sim foi o marco para uma nova etapa na minha

1 Terapias holísticas referem-se a processos terapêuticos fora do campo da medicina tradicional.

existência. Meu período de recuperação foi marcado pela música *Paciência* de Lenine, na qual retirava forças para vencer essa fase difícil.

Vencida essa fase, começo a busca por experiências que fazem sentido para os meus alunos. Pautada em Bondía (2002), quando o mesmo discursa sobre o desejo de realidade que temos, e que se relaciona com a vontade de viver, comecei a refletir sobre o aspecto pedagógico de minhas ações. Isso porque vivemos uma vida desvitalizada, buscando a vida na vida. Sentimos falta de algo que não encontramos na realidade que nos é colocada. “Do mesmo modo que reivindicamos que a vida esteja viva, reivindicamos também que a realidade seja real, ou seja, que tenha a validade, a força, a presença, a intensidade e o brilho do real.” (BONDÍA, 2008, p.186). O real só acontece quando estamos abertos às novas experiências. Abertos ao ponto de provocar estranheza, exterioridade e alteridade.

O real não é objeto, é deixar-se afetar; não é representação, mas presença; nem tão pouco é intencional, é uma aproximação amorosa; não é também lógico, pois foge do discurso de que nada existe sem razão; o real escapa das explicações. O desejo de realidade é um desejo pela surpresa.

A aproximação amorosa tem relação direta com a atenção. É o estar presente, o cuidar, o escutar e o esperar na relação consigo, com o outro e com o mundo. Para que isso aconteça precisamos ter confiança, amor e paciência.

E é justamente tudo isso que desejo provocar nos meus alunos com esse projeto de pesquisa de doutorado:

“Entre memórias e criações: o (in) visível de um corpo dançante”

Reflexão final

Por meio das observações e socializações dos alunos e professores da disciplina Pedagogia(s) do Teatro: Práticas Contemporâneas, do programa DINTER UFU/UNIRIO-2013, que participaram deste trabalho de desmontagem, pude perceber a força do grupo ao respeitar cada indivíduo com as suas histórias, as suas marcas, as suas fragilidades e as suas potências. Cada um trouxe, em sua desmontagem, questões pessoais, políticas, sociais, existenciais, afetivas, técnicas, educacionais, dramáticas, performativas, espaciais, enfim, vimos uma gama de possibilidades que se entrelaçavam tanto individualmente quanto com o grupo, e que teciam ao final de cada apresentação um rico tecido quântico².

Sem sombra de dúvidas, esse processo de desconstrução/desmontagem só foi possível pela característica da turma e da professora, de modo que todos se acolham, pois se percebia ser um processo híbrido e profundo, em que

2 Tecido quântico relaciona-se com as teorias da física quântica, onde tudo está interconectado, inter-relacionado e interdependente.

passagens difíceis iam se desvelando. Eu mesma entrei em processos intensos, de *insights* e de dor, porém a cada lágrima escorrida pela face desfazia-se uma ferida.

Então pergunto: desconstrução, desmontagem ou reconstrução, ou tudo isso ao mesmo tempo? Deixo a vocês desvelarem esse enigma!

Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Trad. de João Wanderley Geraldi, n. 19, jan/fev/mar/abr de 2002.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Desejo de realidade. Experiência e alteridade na investigação educativa**. In: BORBA, Siomara; KOHAN, Walter (org.). Filosofia, aprendizagem, experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 185 - 194.
Convenção nº 159/83 da OIT e a Convenção da Guatemala, que foi promulgada pelo Decreto nº 3.956, de 8 de outubro de 2001.
DIÉGUEZ, Ileana (comp.). **Des/Tejiendo Escenas. Desmontajes: procesos de investigación y creación**. Cidade do México: Universidad Iberoamericana, 2009.

KAPLAN, Harold I.; SADOCK, Benjamin J. **Manual de Psiquiatria Clínica**. Rio de Janeiro: MEDSI, 1992.